

Os monstros e os escribas: monstros e origens no manuscrito de Beowulf

The monsters and the scribes: monsters and origins in Beowulf manuscript

Gesner Las Casas Brito Filho¹

Resumo: O manuscrito de Beowulf, hoje em poder da British Library em Londres, conhecido também como Nowell Codex (Cotton Vitellius A.xv,) é composto pelos seguintes textos: Vida de São Cristovão, Maravilhas do Orient, Carta de Alexandre para Aristóteles, Beowulf, e Judite. As figuras dos monstros presentes no manuscrito de Beowulf estão conectadas em uma lógica maior que une todos os textos do manuscrito: as origens anglo-saxônicas. Um Oriente idealizado, que é a origem dos males e ao mesmo tempo dos elementos considerados benéficos desta sociedade. Estes males, personificados nas figuras dos monstros são os elementos que se confrontam com aquilo que seria considerado como um modelo idealizado de sociedade pelos anglo-saxões próximo ao ano 1000, que é o período de compilação do manuscrito.

Palavras-chave: Beowulf, manuscrito, monstros, Nowell Codex, Cotton Vitellius A.xv

Abstract: The Beowulf manuscript, nowadays held by the British Library in London, also known as Nowell Codex (Cotton Vitellius A.xv,) consists of following texts: Life of Saint Christopher, Wonders of the East, Letter of Alexander to Aristotle, Beowulf, and Judith. The monsters present in the Beowulf manuscript connect into a wider logic that unites the entire texts: Anglo-Saxon origins. This unrealistic East that is source of all evils and good elements appeared as beneficial to this society. These evils ones, personified as monsters, are the elements which clash with an perfect model of society for Anglo-Saxons near the year 1000, which is the manuscript production period.

Keywords: Beowulf, manuscript, monsters, Nowell Codex, Cotton Vitellius A.xv

¹ Doutorando em História da Arte Medieval, University of Leeds, Reino Unido. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Integrante do Laboratório de Teoria e História da Imagem e da Música Medievais (LATHIMM-USP). E-mail: gesnerlascasas@gmail.com.

Os monstros e os escribas: monstros e origens no manuscrito de Beowulf

There is a red and angry world. Red things happen there. The world eats your wife, eats your friends, eats all the things that makes you human. And you become a monster. (Moore, Alan. *The Swamp Thing Saga #23*, Published by Vertigo/DC Comics, Jan- Jul 1982)

A pele do monstro: os monstros e o manuscrito

O manuscrito aqui focado é a parte chamada de *Nowell Codex*, que somado ao *Southwick Codex*, integra o *Cotton Vitellius A.xv*, hoje em poder da *British Library*, em Londres. O *Nowell Codex* é composto pelos seguintes textos: *Vida de São Cristovão*, em prosa; *Maravilhas do Oriente*, em prosa; *Carta de Alexandre para Aristóteles*, em prosa; *Beowulf*, em poesia e *Judite*, em poesia.

Havia nos estudos anglo-saxônicos até o início do século XIX, de forma geral, uma ampla tendência, tributária de Thorkelin que enxergava os fatos narrados no poema como uma espécie de registro histórico do passado escandinavo e acreditava que tanto o autor do poema quanto sua audiência eram “dinamarqueses”, maximizando o “paganismo” heroico presente no poema e tendendo a ver os elementos cristãos como adições “artificiais” de um monge que “cristianizou” um poema legitimamente pagão.²

A grande virada nos estudos sobre o poema é sem dúvida o ensaio de J. R. R. Tolkien de 1936, *The Monsters and the Critics*, que pela primeira vez propõe que o poema deve ser analisado como uma obra de arte e não um exemplar do “folclore” exótico dos pagãos. Ainda

² THORKELIN, Grimur J. De Danorum Rebus Gestis Secul. III & IV. Poëma Danicum Dialecto Anglosaxonica. Ex Bibliotheca Cottoniana Musaei Britannici. Copenhagen: Th. E. Rangel, 1815.

que não fosse sua intenção, ao tirar o foco do herói ou dos heróis e nobres do poema, e re-colocá-lo nos “monstros”, Tolkien abre caminho para que possa fazer pontes entre Beowulf e os outros textos do manuscrito.

E quem primeiro fará isto é Kenneth Sisam, em 1953, ao retornar ao manuscrito, incorporando de certa forma a visão tolkieniana à argumentos paleográficos e filológicos. Para Sisam, o manuscrito é. “[...] Um livro sobre monstros diversos escrito em inglês antigo”.³ Porém, Sisam, conclui que tanto *Judith* quanto a *Passion of Saint Christopher* não faziam parte do manuscrito original, pois nem São Cristovão nem Judite são monstros. Ainda que seja uma teoria improvável, Sisam marca o retorno efetivo ao manuscrito.

Nos anos 80 do século passado, aproveitando-se de novas tecnologias na digitalização do manuscrito e utilizando-se também de evidências linguísticas e paleográficas, Kiernan defende o período união anglo-dinamarquesa (1016-1042) como época propícia à criação do poema, ao louvar heróis suecos e dinamarqueses.⁴ No entanto, a teoria Kiernan não é aceita amplamente, pois a evidência que ele usa é polemicamente aberta a diversas interpretações, especialmente a base de sua teoria: a questão da *encadernação* e do *palimpsesto*. Kiernan defende, dentre outras coisas, que o fólio 182r /179r do Cotton Vitellius A.xv seria um palimpsesto, que foi mudado de posição (era originalmente a última folha, e que teria sido escrita pelo escriba A) e que teria sido apagado pelo escriba B, para unir os dois textos “artificialmente”. Defende ainda que as 21 linhas (diferente de todo o restante do MS, que possui 20 linhas) apresentadas na parte escrita pelo escriba B ratificaria esta teoria. Além disso, ele sugere que o poema Beowulf não fazia parte do manuscrito original, sendo composto posteriormente diretamente no momento desta nova encadernação. Os autores da 4ª edição do *Klaeber’s Beowulf* (Fulk, Bjork e Niles) refutam esta interpretação de Kiernan. Sobretudo a

³ “[...] a book of various monsters, written in [Old] English. (Liber de diversis monstribus, anglice)” SISAM, Kenneth. The Compilation of Beowulf Manuscript. In: Studies in the History of Old English literature. Oxford: Oxford University Press, 1953, p.96.

⁴ KIERNAN, K. S., **Beowulf and the Beowulf Manuscript**, Rutgers University Press: New Brunswick, New Jersey, 1981, p. 15.

hipótese do escriba B como corretor e agente da alteração das páginas originais do manuscrito. A encadernação original foi perdida no incêndio de 1731 e não há descrição alguma de como ela era, tornando-se muito difícil reconstruí-la. Além disso, há outros fólios do manuscrito que apresentam partes “apagadas” como o fólio 182r/179r. Isto é, o mesmo não seria um palimpsesto.⁵

Mais recentemente, um dos primeiros estudos que buscará encontrar uma lógica que explique a reunião dos textos é Andy Orchard. Para Orchard, todos os textos sempre estiveram unidos neste manuscrito. E são compilações de textos anteriores, reunidas em um projeto:

Inevitavelmente, então, todos nós vemos à mínima parte de Beowulf através dos olhos dos escribas, embora, parece claro que ambos são a cópia de pelo menos um exemplar anterior de data desconhecida, e que talvez seja, por sua vez, a cópia de uma cópia de uma cópia. [...] Ambos os escribas aumentam dramaticamente sua proporção de escrita no final de suas próprias tarefas, confirmando, então, o fato de que eles trabalharam dentro de uma quantidade pré-determinada e limitada de espaço.⁶

Orchard, portanto, refuta a teoria controversa de Kiernan, de que o poema Beowulf tenha sido composto e escrito no próprio manuscrito ainda que os textos que o acompanham sejam comprovadamente compilações. Para Orchard, façam sentido as hipóteses dos textos sobre monstros e de dois conjuntos (religioso e secular), ele busca uma lógica maior para

⁵ FULK, R.D & BJÖRK, R. E. & NILES, John D. *Klaeber's Beowulf*. 4th. Edition. University of Toronto Press. Toronto: 2008, pp. xxv-xxxv.

⁶ “Inevitably, then we all see at least part of Beowulf through the scribes eyes, even though it seems clear that they are both copying from at least one earlier exemplar of unknown date, and perhaps itself the copy of a copy of a copy.(...) Both Scribes dramatically increase their rate of writing towards the end of their stint, so testifying to the fact that they were working within a predetermined and limited amount of space”. ORCHARD, Andy. *Reading Beowulf Now And Then*. **Selim 12 (2003-2004):**49-81. p. 52.

todos os textos. Para ele estes textos foram reunidos por dois temas interpenetrados: orgulho e prodígios.⁷

Porém, ainda que a teoria de que o orgulho e dos prodígios como unidade temática para o manuscrito pareça promissora, ela apresenta-se, após exaustivo trabalho, um tanto quanto vaga no aprofundamento da análise textual, pois não dá conta da totalidade dos temas dos textos do manuscrito. Parece-nos que os textos foram reunidos porque dizem respeito a um passado “Oriental”. Mas, não um oriente exatamente geográfico, um Oriente no sentido de local do surgimento das coisas, um local de prodígios, mas que está no passado ancestral. E de certa forma, o manuscrito revela a imiscuidade entre o passado do Oriente mediterrânico greco-romano, via cristianismo latino, e as referências nórdico-germânicas. Portanto, consideramos a hipótese de que estes textos teriam sido reunidos devido a uma semelhança de caráter temático de acordo com a interpretação dos textos feitos pela época de seu registro, próximo ao ano 1.000.⁸

O pântano das origens: Oriente

Os monstros presentes nos textos do Cotton Vitellius A.xv inserem-se naquilo que Le Goff nomeia de maravilhoso medieval. De origem plural, todas estas criaturas serão reunidas em uma ordenação do mundo que embora para a atualidade aparente ser irracional ou baseado

⁷ ORCHARD, Andy. *Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript*. Toronto: University of Toronto Press, 1995, p. 171.

⁸ BRITO FILHO, Gesner Las Casas. **Niðwundor, terrível maravilha**: o manuscrito de Beowulf como compilação acerca do 'Oriente'. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06102014-184350/>>.

na fé, busca uma ou diversas racionalidades ou lógicas que expliquem o ordenamento do mundo, dentro de uma moldura cristã obviamente:

Assim, o maravilhoso no cristianismo parece-me essencialmente encerrado nessas heranças – das quais encontramos elementos “maravilhosos” nas crenças, nos textos, na hagiografia. Na literatura, o maravilhoso é praticamente sempre de raízes pré-cristãs.⁹

Além do viés antropológico sobre como funciona o pensamento analógico humano, Hilário Franco Junior demonstra como ocorria o pensamento analógico no Ocidente medieval que justifica essa justaposição do passado pagão e cristão como origem anglo-saxônica:

É por isso, que o pensamento analógico privilegia a busca de semelhanças. Sem negar, contudo, as diferenças entre os elementos comparados sejam eles sociais, naturais ou supranaturais. É por isso igualmente que as sociedades pré-industriais, inclusive a do Ocidente medieval, fazem relativa indistinção entre os ventos daquelas esferas. [...] As correlações estabelecidas pelo pensamento analógico entre dois ou mais termos de um mesmo sistema ou entre sistemas diferentes podem ser diretas (por similitude de características e/ou funções) ou invertidas (por contraste ou paradoxo). Sob quaisquer dessas formas, é pensamento indutivo, comparativista e intuitivo, que automática e espontaneamente constitui uma malha de conexões afetivas consideradas capazes de exprimir e explicar a integralidade do mundo, portanto de acalmar as dúvidas existenciais. O papel central que o pensamento analógico desempenhou na Europa medieval é bem compreensível, dada a predominância dele nas três heranças culturais que construíram a europeia - a clássica, a bíblica e a germânica.¹⁰

Partindo-se desta formulação, o lugar perfeito para a manifestação do monstruoso acontece além dos limites do cotidiano. Pois, além dos limites visíveis na rotina mundana poder-se-ia

⁹ LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval [tradução Manuel Ruas, original de 1985]. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 47.

¹⁰ FRANCO JUNIOR, Hilário. Os três Dedos de Adão – Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: Edusp, 2010, p.97.

perceber uma lógica de compilação acerca de monstros (o maravilhoso) nos textos do *No-well Codex*:

É raro que o maravilhoso exista nos limites de nosso horizonte; na maioria das vezes ele nasce fora do alcance do olhar. É por isso que as 'extremidades' da terra são fecundas, sejam elas regiões polares, periféricas ou simplesmente terras misteriosas inexploradas, nos confins da terra conhecida. O estado de espírito mais favorável à credulidade e à fabulação é o estado de receptividade extrema e apreensão em que se encontram os viajantes que pisam pela primeira vez em uma dessas terras, onde não se tem mais certeza da materialidade do solo e do equilíbrio entre os diferentes elementos.¹¹

Ainda que esta lógica, um tanto quanto incerta no caso do poema *Judite* especialmente, abarque também a lógica de textos sobre o Oriente, ou sobre as origens dos anglo-saxões. *Beowulf* encontra na gruta subterrânea onde viviam Grendel e sua mãe, uma espada feita pelos *gíganta cyn* - pelo povo dos gigantes em tempos primordiais. Os gigantes estão presentes na mitologia germânica¹², mas também estão presentes no texto veterotestamentário:

1. Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas,/
2. Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram.
3. Então, disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.
4. Ora, naquele tempo havia *gigantes* na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.
5. Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração;

¹¹ KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. [tradução Ivone Benedetti, original de 1980]. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993, p. 39.

¹² SHIPPEY, Tom (ed.) *The Shadow-Walkers: Jacob Grimm's Mythology of the Monstrous*. Tempe: Medieval and Renaissance Texts and Studies 291 /Brepols, 2005.

6. Então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.¹³

Em Números:

30. Então, Calebe fez calar o povo perante Moisés e disse: Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela.

31. Porém os homens que com ele tinham subido disseram: Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.

32. E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura.

33. Também vimos ali *gigantes* (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos.¹⁴

A espada encontrada na gruta dos monstros funciona também como elemento de conexão entre tempo da saga e este passado da criação, pois ela continha sua origem gravada em letras rúnicas as lutas dos tempos iniciais do mundo, pois foi feita por gigantes. O poema usa a palavra de origem germânica para gigante, “*ent*” (inglês antigo) na maioria das vezes, mas no trecho abaixo alterna com “*giganta*” de origem latina, o que demonstra esta imiscuidade germânico-latina:

¹³ Gn 6, 1-5. Texto da Vulgata: “1.cumque coepissent homines multiplicari super terram et filias procreassent 2videntes filii Dei filias eorum quod essent pulchræ acceperunt uxores sibi ex omnibus quas elegerant 3dixitque Deus non permanebit spiritus meus in homine in æternum quia caro est eruntque dies illius centum viginti annorum 4gigantes autem erant super terram in diebus illis postquam enim ingressi sunt filii Dei ad filias hominum illæque genuerunt isti sunt potentes a sæculo viri famosi 5videns autem Deus quod multa malitia hominum esset in terra et cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum omni tempore.” Disponível em <http://www.academic-bible.com/en/online-bibles/biblia-sacra-vulgata/read-the-bible-text/> Tradução ao português extraída de Gn 1; 2 . BÍBLIA DE JERUSALÉM (vários editores e tradutores). São Paulo: Paulus Editora, 2008.

¹⁴ Nm 13, 30-33. Texto da Vulgata: “30.Amalech habitat in meridie Hettheus et Iebuseus et Amorreus in montanis Chananeus vero moratur iuxta mare et circa fluentia Iordanis; 31.inter hæc Chaleb conspiciens murmur populi qui oriebatur contra Mosen ait ascendamus et possideamus terram quoniam poterimus obtinere eam; 32.alii vero qui fuerant cum eo dicebant nequaquam ad hunc populum valemus ascendere quia fortior nobis est. 33.detraxeruntque terræ quam inspexerant apud filios Israhel dicentes terram quam lustravimus devorat habitatores suos populum quem aspeximus proceræ staturæ est. 34.ibi vidimus monstra quædam filiorum Enach de genere *giganteo* quibus comparati quasi lucustæ videbamur.” IDEM.

Viu, então, entre as artes-de-guerra uma espada abençoada com a vitória,
uma espada-anciã gigantesca com lâminas fortes,
para guerreiros de espírito-valoroso, era a melhor das armas.
Porém, ela era mais do que qualquer outro homem,
de butim-de-batalha, pudesse carregar,
boa e terrível, o trabalho de *gigantes*.
Ele tomou-a pelo cabo ornamentado, o herói dos Shieldings,
feroz e furiosa espada, desembanhou a marcada-de-anéis ,
sem esperança de sobreviver, atacou furiosamente
contra o pescoço dela, duramente golpeou,
quebrando aos anéis-dos-ossos, a lâmina atravessou totalmente
pelo amaldiçoado manto-de-carne. Ela [mãe de Grendel] sucumbiu ao [solo],¹⁵

Os gigantes são caracterizados como antepassados, como um povo antigo habilidoso, existentes no início dos tempos:

O trabalho de *gigantes* antigos, passou à [sua] possessão,
Após a queda dos demônios [falsos deuses], do líder dos daneses,
O trabalho dos ferreiros-maravilhosos, e então a esta palavra desistiu
O homem de coração cruel, adversário de Deus
Culpado por assassinatos, e sua mãe também,
e de comando passou, dos reis-do-mundo,
Dos melhores entre os dois mares,
Desses que na Escandinávia compartilharam tesouros.
Hrothgar falou, observou o cabo da espada,
O antigo legado, no qual estava escrita a origem
do conflito ancestral quando a inundação assassinou,
derramou o mar, à raça dos gigantes,
atingidos terrivelmente. Pois eram um povo estranho
ao Senhor eterno, e eles a recompensa-final
através da corenteza das águas, o Senhor liberou,
como estava naquele cabo-de-espada, de ouro brilhante,
pelas letras rúnicas, exatamente marcadas,

¹⁵ "Geseah ðá on searwum sigeéadig bil / ealdsweord eotenisc ecgum þýhtig / wigena weorðmynd þæt wæs waépna cyst / búton hit wæs máre ðonne aénig mon óðer / tó beaduláce ætberan meakte /gód ond geatolic gíganta geweorc /hé geféng þá fetelhilt freca Scyldinga /hréoh ond heorogrim hringmaél gebrægd /aldres orwéna yrringa slóh /þæt hire wið halse heard grápode /bánhringas bræc bil eal ðurhwód /faégne flaéschoman héo on flet gecrong. (BEOWULF, vv. 1557-1564). Todas as traduções do Old English ao Português são de nossa autoria a partir do texto completo do Nowell Codex transcrito em: FULK, R. D. - The Beowulf Manuscript. Cambridge (USA): Harvard University Press, 2010.

entalhadas e [que] diziam, para quem aquelea espada foi feita,
o melhor dos aços, primeiramente foi
com o cabo torcido e com desenho de dragão. [...] ¹⁶

Conectado diretamente ou não a estes elementos da narrativa épica, há registros em outros documentos em Old English, que demonstram que muitos anglo-saxões acreditavam que as ruínas romanas presentes no território inglês eram obras de gigantes. Há o registro, por exemplo, no *Exeter Book*, no poema “A ruína”, de que as construções romanas em ruínas¹⁷ eram consideradas como “antigo trabalho de gigantes”:

Maravilhosa é esta construção,
O destino quebrou-a
Seus pavimentos destruídos
O trabalho dos gigantes deteriora-se. ¹⁸

O primeiro grande opositor do herói que aparece na narrativa principal do poema é o monstro Grendel. No desenrolar da narrativa, o herói Beowulf enfrenta a vingança da mãe de Grendel. Os dois seres habitam o pântano desde tempos imemoriais e são descendentes de Caim, uma das figuras de maldição primordial da narrativa bíblica, pois é o primeiro criminoso:

¹⁶ “Hárum hildfruman on hand gyfen /enta aérgeweorc hit on aéht gehwearf /æfter déofla hryre Denigea fréän /wundorsmípa geweorc ond pá pás worold ofgeaf / gromheort guma godes andsaca /morðres scyldig ond his módor éac /on geweald gehwearf woroldcyninga /ðaém sélestan be saém twéonum /ðára þe on Scedenigge sceattas daélde. /Hróðgár maðelode hylt scéawode /ealde lafe on ðaém wæs ór witten /fyrngewinnes syðþan flód ofslóh /gifen géotende gíganta cyn-- /frécne geférdon þæt wæs fremde þéod /écean dryhtne him þæs endeléan /þurh wæteres wylm waldend sealde-- /swá wæs on ðaém scennum scíran goldes /þurh rúnstafas rihte gemearcod /geseted ond gesaéd hwám þæt sword geworht /irena cyst aérest waére /wreopenhilt ond wyrmfáh ðá se wísa spræc.” (Beowulf vv. 1671-1698).

¹⁷ BLAIR, P. H. - **An introduction to Anglo-Saxon England**. Cambridge: Cambridge University Press: 1959, pp. 396-398.

¹⁸ Wrætlic is þes wealsta/ wyrde gebræcon/ burgstede burston,/ broснаð enta geweorc CHADWICK, N. K. - **Anglo-Saxon and Norse poems**, Cambridge(UK): Cambridge University Press, 192, pp. 51-57.

Assim como a ele [Grendel], o Criador condenou ao banimento à toda estirpe de Caim por causa do vingativo assassinato, pelo Senhor Eterno, pois ele matou Abel. Nenhuma alegria [obteve] desta vingança mas, baniu-o para longe o Senhor Deus, pelo crime contra a humanidade. Deste modo os monstros, todos surgiram: ogros e elfos e orcs, todos os gigantes que lutam contra Deus desde muito tempo, Ele retribuiu-os seus atos com esta pena.¹⁹

Um dos fatores que explica a força descomunal dos dois monstros é a ligação dos mesmos com os primórdios da criação. Grendel e sua mãe só poderiam ser derrotados através de algo com um poder e origem equivalentes à deles: a espada feita pelos gigantes do início dos tempos da criação. Este *topos* se repetirá na velhice do herói ao enfrentar ao dragão. Grendel e sua mãe são humanos, pois são descendentes de Caim. São componentes de uma tipologia do mundo enquadrada numa ordenação cristã do mundo:

O que encontramos no norte, pelo contrário, era um modelo mais horizontal. O mal não vinha do céu. Não era "demoníaco" em que sentido estrito. Ele vinha da terra aberta, e era totalmente concreto. Estamos lidando com uma padronização do imaginário social, que via a sociedade humana estabelecida como cercada, por todos os lados, pelo invasor selvagem. O "mundo intermediário" de ordem humana estava sempre cercado por "mundo exterior", cujos habitantes sinistros ou fascinantes eram tão palpáveis como eram os seres humanos.²⁰

¹⁹ "Sipðan him scyppend forscrifen hæfde / in Caines cynne þone cwealm gewræc / éce drihten þæs þe hé Ábel slog / ne gefeah hé þaére faéhðe ac hé hine feor forwræc / metod for þý máne mancynne fram / þanon untýdras ealle onwócon / eotenas ond ylfe ond orcnéas / swylce gíгантas þá wið gode wunnon / lange þráge hé him ðæs léan forgeald. (Beowulf: vv. 106– 114).

²⁰ "What we meet in the north, by contrast, was a more horizontal model. Evil did not come from the sky. It was not "demonic" in that strict sense. It came across the open land, and it was utterly concrete. We are dealing with a patterning of the social imagination which saw settled human society as surrounded, on every side, by the encroaching wild. A "middle world" of human order was forever hemmed in by "outer world", whose grim or alluring denizens were quite as palpable as were human beings". BROWN, P. - **The Rise of Western Christendom: triumphy and diversity, A.D. 200-1000**. Oxford: Blackwell Publishing, 2nd Edition, 2003, pp.482.

A figura do monstro associa-se, assim, a comportamentos e ações inaceitáveis por esta sociedade. A nomeação de *gaest* - estrangeiro ou alienígena, que é utilizada diversas vezes para nomear Grendel - abarca tudo que é estranho àquela sociedade. Porém, como o próprio poema nos conta, o casal de monstros habitava aqueles pântanos desde tempo “imemorais”. Grendel não é identificado no poema com Satanás, com o oponente de Deus, mas com o primeiro humano criminoso, o primeiro traidor, o primeiro fraticida, o primeiro “amaldiçoado” pela “ira de Deus”: Caim. Sua figura apresenta-se, portanto, como um homem, que se desumanizou pelos seus maus atos e pela conseqüente maldição divina. Portanto, Grendel e sua mãe como monstros físicos, animais e, sobretudo antropomórficos. Não são demônios, seres espirituais, com poderes sobrenaturais, embora diversas vezes as palavras empregadas para nomeá-los também possuam ao mesmo tempo, sentido de demônios espirituais: *aégláeca*²¹ ou *gaest*²² Grendel é “*godes yrre bær*”²³ - aquele que carrega o ódio de Deus e “*godes andsacan*”²⁴ - adversário de Deus - e possui hábitos selvagens e monstruosos como o canibalismo²⁵.

Tanto daneses quanto geatas são (no momento da narração) cristãos e ao mesmo tempo respeitam às leis germânicas, como o *wergeld*, que não é respeitado pelos dois monstros :

De qualquer homem das tropas dinamarquesas
não renunciou às mortes violentas, nem a [pagar]
Nenhum dos conselheiros esperava
à nobre recompensa, das mãos do assassino.²⁶

²¹ BEOWULF: vv. 159, 433 e 816.

²² BEOWULF: vv. 86, 102, 1349 e 1617.

²³ BEOWULF: v. 711.

²⁴ BEOWULF: v. 786.

²⁵ BEOWULF: vv. 742-745.

²⁶ *Wið manna hwone mægenes Deniga, /feorhbealo feorran, féa þingian /né þaér naénig witenan wénan þorfte / beorhtre bóte tó banan folmum.* (BEOWULF: vv. 155-158.)

O *wergeld* - o “preço de um homem” - era o pagamento feito à família do morto pelo assassino. O *wergeld* variava em função da posição social da vítima e normalmente era pago como uma compensação aos parentes do morto (ou ferido) de acordo com os costumes e depois de acordo com valores estabelecidos pelas legislações escritas.²⁷ Assim, o inimigo estrangeiro traz a esta sociedade anglo-saxã do período pré-dominação normanda, que é múltipla e fragmentada (cultural, social, religiosa e politicamente), uma união artificial. Os dois primeiros grandes inimigos de Beowulf são estrangeiros que já moravam nas terras danesas desde muito tempo. O herói Beowulf é um *geata* que vem salvar aos *daneses*. E a conexão dos inimigos com o mal primordial do Antigo Testamento, por oposição, une os *daneses* e *geatas* acima de qualquer desavença que possa acontecer. As palavras de Unferth contra Beowulf perdem o sentido diante do enfrentamento e vitória contra este mal.

Os monstros representam um mal “estrangeiro” que paradoxalmente habita a periferia, os pântanos da mesma terra em que vivem estes bons homens. Os *daneses* de Hrothgar seriam, então, invasores ou novos ocupantes destas terras? Seria o reino danês, a terra prometida deste novo Israel? Grendel e sua mãe habitam aquelas terras antes dos daneses, porém, são os estrangeiros. São estrangeiros porque não constroem nada e são os causadores de destruição.

Diferentemente do casal de monstros antropomórficos que Grendel e sua mãe representam, o dragão é um ser muito mais bestializado. Há várias aparições de dragões tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo. Porém, o poema não deixa tão claro como no caso de Grendel e sua mãe, a ligação direta deste dragão com quaisquer textos bíblicos. O tesouro acumulado na caverna, que ele toma posse, vai contra a tradição anglo-saxã (exaltada diversas vezes como virtude dos governantes no próprio poema Beowulf) de doação e compartilhamento da riqueza:

²⁷ LOYN, H. R. (Org.), - **Anglo-Saxon England and the Norman Conquest**. Oxford (UK): Longmans, Green and Co. Ltd., 1962, pp. 205.

Logo depois, de Beowulf, o vasto reino
passou às mãos. Ele governou muito bem
por cinquenta invernos, ele era um rei sábio,
um experiente guardião da terra, até que viesse
nas noites escuras um dragão para dominar.
Ele [dragão] que em um alto salão, vigiava um tesouro acumulado,
Uma poderosa fortaleza de pedra, em um caminho que permanecia
desconhecido para os homens. Lá entrou
um homem, que não se sabe como, e tateou pelo
tesouro pagão suas mãos ao redor
de uma jóia ornamentada, que ele conseguiu depois,
pois ele [o dragão] dormia e foi enganado
pela astúcia do ladrão. O povo descobriu,
o povo da vizinhança, que ele[o dragão] ficou furioso.²⁸.

No poema os bons soberanos são “*doadores de anéis*”, pois compartilham a riqueza e o poder com seus nobres súditos. A riqueza obtida sem a luta heroica e guerreira não tem sentido algum nesta sociedade. O tesouro anteriormente acumulado e guardado agora pelo dragão carrega a ideia da ganância.²⁹ Mais uma vez, o mal que habita a terra antes da instalação da sociedade atual (a comunidade do rei Beowulf, desta vez), se faz presente na forma do Dragão. Mas, desta vez o mal é despertado pela ganância de um de seus súditos.

Voltando ao primeiro texto do manuscrito, ainda que falte uma parte do texto de São Crisóstomo presente no Nowell Codex, tanto diversas fontes latinas quanto outra versão em inglês antigo descreve o santo mártir como sendo de grande estatura e possuindo cabeça de cão, um cinocéfalos:

²⁸ Syððan Béowulfe braéde rice / on hand gehwearf hé gehéold tela / fiftig wintra --wæs ðá fród cyning / eald épelweard--
oð ðæt ón ongan / deorcum nihtum draca rícsian / sé ðe on héaum hofe hord beweotode / stánbeorh stéarcne stíg under
læg / eldum uncúð. Þaér on innan going / niða náthwylc ond néah geféng / haéðnum horde hond gewríþenne / since fáhne
hé þæt syððan beget / þeah ðe hé slaépnde besyred hæfde / þéofes cræfte• þæt síe ðíod onfand / búfolc beorna þæt hé
gebolgen wæs. (BEOWULF, vv. 2207-2220)

²⁹ ANDERSSON, T. M. - *The Thief in Beowulf*. In: **Speculum**, Vol. 59, No. 3. pp. 493-508. Cambridge (USA): Medieval Academy of America, 1984.

Durante os dias do imperador Décio, ele entrou na cidade chamada Samos daquelas pessoas onde os homens têm cabeças de cão e que a região onde os homens comem uns aos outros. Ele tinha uma cabeça de cão, e seu cabelo era extremamente grosso, e seus olhos brilhavam tanto quanto estrela da manhã, e os seus dentes eram tão afiados quanto as presas de um javali. Ele acreditava em Deus em seu coração, mas ele não foi era de falar como um homem. Quando ele orou a Deus para dar-lhe a fala humana, um homem vestido de branco veio até e ele e soprou em sua boca; em seguida, ele foi capaz de falar como um homem.³⁰

Os homens ou humanoides de grande estatura, ou corpos humanoides bestiais aparecem em diversas das criaturas das Maravilhas do Oriente, como por exemplo, tais quais São Crisóstomo do primeiro texto, os cinocéfalos:

Também não nascem lá [homens] meio-cães que são chamados *Conopenae*. Eles têm crinas de cavalos, presas de javali, cabeças de cães e sua respiração é como uma chama de fogo. Essas terras estão perto das cidades que estão repletas de toda a riqueza mundana, isto é, ao sul do Egito.³¹

O texto das Maravilhas também cita diversos outros seres humanoides de grande estatura como os Homodubii (os quase homens) de seis pés de altura, pessoas de 15 pés de altura que tem duas faces no rosto, povo da Ciconia (Gália) com jubas de leão e 20 pés de altura, e diversos outros.

³⁰ ‘Sē com on Decius dagum þæs caseres on þa ceastre þa Samo is nemned of þære þeode þær men habbað hunda heafod ond of þære eorðan on þære æton men hi selfe. he hæfde hundes heafod, ond his loccas wæron ofer gemet side, ond his eagan scinon swa leohte swa morgensteorra, ond his teð wæron swa scearpe swa eofores tuxas. he wæs gode geleaffull on his heortan, ac he ne mihte spreca swa mon. þa bæd he god þæt he him sealde monnes gesprec; þa stod him æt sum wer on hwitum gegirelan ond eðode him on þone muð; þa mihte he siððan spreca swa mon.’ HERZFELD, George, ed. *An Old English Martyrology*. Woodbridge: Boydell and Brewer, 1997. Originally published for the Early English Text Society, Vol. 116 (n.p.: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1900). P. 90.

³¹ “Eac swylce þær beod cende healf-hundingas þa syndon hatene conopenas hy habbad horses mana and eoferes tuxas and hunda heafdu and heora orod bid swylce fyres leg pas land beod neah psem burgum þe beod eallum worldwelum gefylled f is on þa sud healf egyptana lands. (Maravilhas do Oriente, linhas 25-30) RYPINS, Stanley. *Three Old English Prose texts in MS Cotton Vitellius A.xv*. Oxford: Early English Text Society, 1924. Utilizamos este volume como base, embora haja no mesmo algumas transcrições incorretas do texto do manuscrito, as quais corrigimos no texto aqui presente.

Na carta de Alexandre, ainda que a ênfase se dê nos animais e paisagens inóspitas da Índia, há a narração da existência de peixes-faunos e também os cinocéfalos, como São Cristóvão:

Quando era manhã do dia [seguinte], nós viajamos até outra terra habitada da Índia, chegamos em uma certa grande planície. Lá vimos mulheres e homens e mulheres hirsutos, com pelos e cabelos como de animais selvagens. Eles possuíam nove pés de altura, e todas pessoas estavam nuas, e não se importavam com roupas. Os indianos os chamam de *ictifafonas* (peixe-faunos?), e eles tomam as baleias dos rios próximos e comem-nas, vivem delas e depois bebem a água. Quando eu desejei aproximar-me para vê-los e observá-los melhor, eles fugiram rapidamente para a água e esconderam-se entre as brechas das rochas. Depois disso, nós vimos entre as matas e as árvores um grande grupo de [homens] meio-cães, que seguiram-nos com a intenção de nos ferir. E quando atiramos flechas contra eles imediatamente eles fugiram de volta para a mata. Depois viajamos para as vastidões da Índia, e nós não vimos mais nada maravilhoso ou memorável.³²

Quanto ao poema Judith, esta figura feminina que nomeia o texto não é um “monstro”. Porém, diferentemente da versão original latina, na qual ela é um exemplo de viuvez e castidade, no poema do Nowell Codex ela destaca-se pela beleza, coragem e sabedoria. Na versão em Old English, o momento em que Judith decepa a cabeça de Holofernes é muito mais detalhado do que no original latino, e é semelhante à forma em que são detalhadas as mortes violentas em Beowulf. Embora não apareça necessariamente nenhuma menção a algum ser monstruoso como nos outros textos do manuscrito, há em um momento do poema Judith a utilização da palavra “*atolan*” para nomear Holofernes, que significa terrível, monstruoso, repulsivo.

³² Ða hit þa on morgen dæg wæs þa ferdon we on oþer þeodlond India þa cwoman we on sumne micelne feld. Ða gesawe þær ruge wif-men ond wæpned men wæron hie swa ruwe ond swa gehære swa wildeor. Wæron hie nigon fota uplonge ond hie wæron þa men nacod ond hie næcniges hrægles ne gimdon. Ðas men Indeos hatað *ictifafonas* ond hie of ðæm neaheum ond merum þa hronfiscas up tugin ond þa æton ond be þæm lifdon ond þæt wæter æfter druueon. Mid þy ic þa wolde near þa men geseon ond sceawigon þa flugon hie sona in þa wæter ond hie pær in þæm stan-holum hyddon. Þa æfter þon gesawon we betweoh þa wudu-bearwas ond þa treo healf-hundinga micle mængeo, þa cwoman to þon þæt hie woldon us wundigan. Ond we þa mid strælum hie scotodon ond hie sona onweg aflymdon, ða hie eft on þone wudu gewiton þa syððan geferdon we in þa westenn India ond we þa þær noht wunderlices ne mærlices gesawon.

[...] Então foi, do Salvador
a serva gloriosa, compelida em
como ela ao *homem monstruoso* facilmente poderia
privar à vida [...] ³³

A mesma palavra é utilizada no poema Beowulf para qualificar batalhas terríveis (versos 596), aparência das águas pantanosas fervendo sangue (versos 848, 1766), o próprio Grendel (“atol aéglaéca”, nos versos 165, 592, 732, 1502), os atos de Grendel (332) e, finalmente ao dragão (v 2670). Ainda que não seja descrito exatamente como um monstro, Holofernes é uma espécie de São Cristóvão invertido. Ele é um homem, um guerreiro líder de exércitos, doador de tesouros, porém, age como um monstro por ser pagão e tomar à força a terra do povo de Judite. Por isso, é qualificado com o mesmo adjetivo usado em monstros, batalhas ou forças da natureza.

Conclusões

Como os monstros são figuras conectadas às origens, a lógica de compilação acerca do monstruoso não nega a unidade temática maior do Nowell Codex – ela a complementa e reafirma: as origens dos anglo-saxões.

Finalmente, e para os meus propósitos especialmente, todos esses mitos contêm algum tipo de elemento animalesco ou monstruoso. Para Gildas, os anglo-saxões são ‘bestas selvagens’. Seus inimigos também são ‘bestas bárbaras selvagens...

³³ “(...) þā wæs Nergendes / þēowen þrymful, þearle gemyndig / hū heo þone *atolan* ēaðost mihte ealdre benæman ær se unsýfra, / womfull onwōce”. O itálico é nosso. (Judite, VV. 74-77)

Hordas imundos de escoceses e pictos, assim como tropas escuras de vermes que emergem de suas tocas apertadas, seus pequenos esconderijos, quando Titan [o sol] é alto e eles crescem 'borbulhantes no calor'. Para Nennius, as genealogias dos britânicos e anglo-saxões estão todas ligadas à Gog e Magog e de acordo com Geoffrey de Monmouth e Gerald de Gales estão repletas de gigantes que precisam ser mortos para que a Grã-Bretanha de voltar a ser habitada. [...] Os anglo-saxões usaram essas histórias de origem para explicar sua existência e para justificar a sua presença na Inglaterra, mas ao mesmo tempo esses mitos evidenciam ansiedades culturais que giram em torno de monstruosidade e hibridismo.³⁴

Além disso, como compilação acerca do Oriente, do outro, e levando-se em conta que a identidade se processa pela alteridade, os monstros apresentam-se como a alteridade extrema materializada:

O monstro é a diferença que se fez carne e veio habitar entre nós. Em sua função como o Outro dialético ou terceiro suplementar, o monstro é uma incorporação do Lado de Fora, o Além - de todos estes *loci* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas se originam de Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrita através (construída através) do corpo monstruoso, mas para a maior parte a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual.³⁵

Esta perspectiva Antropológica sobre os monstros explica a moldura de pensamento que unifica os textos do manuscrito: um Oriente como lugar de origem e de onde se cria os

³⁴ Finally, and for my purposes most importantly, all these myths contain some sort of animalistic or monstrous element. For Gildas, the Anglo-Saxons are "wild beasts." Their enemies are likewise "wild barbarian beasts . . . filthy hordes of Scots and Picts, just like dark troops of worms which emerge from their tight holes, their little hollows, when Titan [the sun] is high and they grow hot in the warmth." For 'Nennius,' the genealogies of the Britons and Anglo-Saxons are all tied in with Gog and Magog and the accounts of Geoffrey of Monmouth and Gerald of Wales are filled with giants that need to be killed in order for Britain to be re-inhabited. (...) The Anglo-Saxons used these origin stories to explain their existence and to justify their presence in England, but at the same time these myths betray cultural anxieties that revolve around monstrosity and hybridity. MITTMAN, Asa. *Maps and Monsters in medieval England*. New York: Routledge, 2006. Pp .14-15.

³⁵ The monster is difference made flesh, come to dwell among us. In its function as dialectical Other or third-term supplement, the monster is an incorporation of the Outside, the Beyond—of all those *loci* that are rhetorically placed as distant and distinct but originate Within. Any kind of alterity can be inscribed across (constructed through) the monstrous body, but for the most part monstrous difference tends to be cultural, political, racial, economic, sexual. COHEN, Jeffrey Jeromy, *Monster Theory: Reading Culture*. University of Minnesota Press: Minneapolis, USA, 1996, p.7.

monstros, um lugar de origem e ao mesmo tempo lugar da alteridade, pois a origem de tudo, segundo o próprio cristianismo é uma só: Deus. Além disso, os monstros são gerados pela mesma substância da criação no local da criação:

Nestes pântanos, plantas primitivas e animais primitivos se fundem em lodo, limo e lama... A vegetação podre pode ser quase tão proeminentes nos barrancos quanto carne podre, e ainda estamos apegados a crenças populares que tal lama vegetal gera espontaneamente as minhocas, lesmas, sapos, salamandras, filhotes de lama, sanguessugas, e enguias que nós associamos a ela.³⁶

Tal qual o lodo sangrento do pântano onde vivem Grendel e sua mãe, este o Oriente é o local de onde se originou o homem e de ao mesmo tempo de onde surgem os monstros. Além disso, representa a impressão estética causada ao leitor em textos que utilizam prosas e poesias extremamente elaboradas, mas com seres monstruosos e episódios de extrema violência e terror.

O que unifica os textos do manuscrito é um paradoxo: um Oriente, que é a origem - a princípio algo “bom” e ao mesmo tempo algo horrível. Algo que se confronta com o modo de vida dos anglo-saxões, com o que se considera como bom. São terríveis maravilhas não somente entre si, no embate entre heróis e vilões, mas é o registro de um conflito de origem. Parece-nos que os textos foram reunidos porque dizem respeito a um passado “Oriental”. Mas, não um oriente exatamente geográfico, um Oriente no sentido de local do surgimento das coisas, um local de prodígios, mas que está no passado ancestral. E de certa forma, o manuscrito revela a imiscuidade entre o passado do Oriente mediterrânico greco-romano, via cristianismo latino, e as referências nórdico-germânicas. Portanto, consideramos a hipótese de

³⁶ In these fens primitive plants and primitive animals merge into slime, ooze, and murky quagmire. . . Rotting vegetation can be nearly as gorge raising as rotting flesh, and we are still wedded to folk beliefs that such vegetable muck spontaneously generates the worms, slugs, frogs, newts, mudpuppies, leeches, and eels we associate with it. William Ian Miller, *The Anatomy of Disgust*. Cambridge: Harvard University Press, 1997. p. 40.

que estes textos teriam sido reunidos devido a uma semelhança de caráter temático de acordo com a interpretação dos textos feitos pela época de seu registro, próximo ao ano 1.000. No próprio poema Beowulf, o tempo do Antigo Testamento confunde-se com o tempo da narrativa dos daneses e geatas pagãos. Para os anglo-saxões, seu passado de origem nórdico-germânica pagã seria também um oriente como “origem”. Os monstros são terríveis maravilhas não somente entre si, no embate entre heróis e vilões, mas são o registro de um conflito de origem.

Referências

ANDERSSON, T. M. - The Thief in Beowulf. In: **Speculum**, Vol. 59, No. 3. Cambridge (USA): Medieval Academy of America, 1984, pp. 493-508.

BÍBLIA DE JERUSALÉM (vários editores e tradutores). São Paulo: Paulus Editora, 2008.

BLAIR, P. H. **An introduction to Anglo-Saxon England**. Cambridge: Cambridge University Press: 1959.

BRITO FILHO, Gesner Las Casas. **Niðwundor, terrível maravilha**: o manuscrito de Beowulf como compilação acerca do 'Oriente'. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06102014-184350/>>.

BROWN, P. **The Rise of Western Christendom**: triumphy and diversity, A.D. 200-1000. Oxford: Blackwell Publishing, 2nd Edition, 2003,

CHADWICK, N. K. **Anglo-Saxon and Norse poems**, Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1922,

COHEN, Jehffrey Jeromy. **Monster Theory**: Reading Culture. University of Minnesota Press: MInneapolis, USA, 1996.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Os três Dedos de Adão**: Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: Edusp, 2010.

FULK, R. D. **The Beowulf Manuscript**. Cambridge (USA): Harvard University Press, 2010.

FULK, R.D.; BJÖRK, R. E.; NILES, John D. **Klaeber's Beowulf**. 4th. Edition. University of Toronto Press. Toronto, 2008

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. Tradução Ivone Benedetti, original de 1980. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

KIERNAN, K. S. **Beowulf and the Beowulf Manuscript**. Rutgers University Press: New Brunswick, New Jersey, 1981.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Tradução Manuel Ruas, original de 1985. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LOYN, H. R. (Org.), **Anglo-Saxon England and the Norman Conquest**. Oxford (UK): Longmans, Green and Co. Ltd., 1962,

MILLER, William Ian. **The Anatomy of Disgust**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MITTMAN, Asa. **Maps and Monsters in medieval England**. New York: Routledge, 2006.

MOORE, Alan. The Swamp Thing Saga #23, Published by **Vertigo/DC Comics**, Jan- Jul 1982

ORCHARD, Andy. **Pride and Prodigies: Studies in the Monsters of the Beowulf-Manuscript**. Toronto: University of Toronto Press, 1995.

_____ Reading Beowulf Now And Then. **Selim 12 (2003-2004):49-81**

RYPINS, Stanley. **Three Old English Prose texts** in MS Cotton Vitellius A.xv. Oxford: Early English Text Society, 1924.

SHIPPEY, Tom (ed.) **The Shadow-Walkers: Jacob Grimm's Mythology of the Monstrous**. Tempe: Medieval and Renaissance Texts and Studies 291 /Brepols, 2005.

SISAM, Kenneth. The Compilation of Beowulf Manuscript. In: **Studies in the History of Old English literature**. Oxford: Oxford University Press, 1953.

THORKELIN, Grimur J. **De Danorum Rebus Gestis Secul**. III & IV. Poëma Danicum Dialecto Anglosaxonica. Ex Bibliotheca Cottoniana Musaei Britannici. Copenhagen: Th. E. Rangel, 1815.